



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Campus de Marília



CULTURA  
ACADÊMICA  
*Editora*

# Vivenciando o trabalho de campo no processo de Ensino-Aprendizagem de Geografia:

conhecendo o espaço urbano da cidade de São Paulo

Márcia Cristina de Oliveira Mello

Fátima Aparecida Costa

Eduardo Martins Vallim

**Como citar:** MELLO, M. C. O.; COSTA, F. A.; VALLIM, E. M. Vivenciando o trabalho de campo no processo de Ensino-Aprendizagem de Geografia: conhecendo o espaço urbano da cidade de São Paulo. *In:* MENDONÇA, S. G. L.; FERNANDES, M. J. S.; TORRES, J. C.; MORELATTI, M. R. M. (org.). **PIBID/UNESP Forma(A)ção de professores: percursos e práticas pedagógicas em Ciências Humanas.** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2018. p. 163-174.  
DOI: <https://doi.org/10.36311/2018.978-85-7983-973-3.p163-174>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

# VIVENCIANDO O TRABALHO DE CAMPO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA: CONHECENDO O ESPAÇO URBANO DA CIDADE DE SÃO PAULO<sup>1</sup>

*Márcia Cristina de Oliveira Mello*

*Fátima Aparecida Costa*

*Eduardo Martins Vallim*

## INTRODUÇÃO

Atualmente, a cidade moderna tem-se apresentado como o *locus* privilegiado da reprodução da vida social (CAVALCANTE, 2008). Por aglomerar um alto contingente populacional, a cidade concentra elevada força produtiva e se torna um espaço de afirmação e reprodução do capitalismo como modelo econômico e, principalmente, como modelo social e cultural de representação das relações estabelecidas no âmbito da cidade.

Em suma, é um *locus* dinâmico de atividades, exercidas por pessoas, de acordo com suas necessidades sociais, vinculadas diretamente ao processo de reprodução do capital cuja tendência é a concentração, em

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no I Seminário PIBID/Sudeste e III Seminário PIBID/ES.

<https://doi.org/10.36311/2018.978-85-7983-973-3.p163-174>

determinados pontos do território nacional, da acumulação assegurada por uma rede de circulação que agilize a realização do ciclo do capital, tendo na metrópole sua expressão máxima (CARLOS, 2006, p. 83).

No Brasil, as cidades modificaram a dinâmica quando do êxodo rural. Nas cidades do sudeste do país ocorreu uma profunda reestruturação produtiva ligada às políticas desenvolvimentistas pautadas, sobretudo, no processo de industrialização que configurava uma zona atrativa para a mão de obra descartada no campo. Com isso, as cidades brasileiras ultrapassaram em número a população do campo, exercendo assim uma supremacia na produção e concentração de bens que passaram, paulatinamente, a envolver hábitos de consumo urbanos influenciando, também, o campo, principalmente pelos meios de informação/comunicação e propagandas.

O urbano, enquanto um processo de tendência global, reproduz-se e/ou constitui-se para além dos espaços territoriais da cidade, invadindo o campo, as zonas rurais e o antigo modo de vida, mas é nas cidades que é melhor percebido (ALVES, 2006, p. 135).

Para além das construções arquitetônicas, a cidade é fruto da construção humana ao longo da história que traz em sua morfologia as marcas das diversas transformações que modificaram os padrões socioeconômicos de organização de atividades preexistentes para dar lugar a novas funcionalidades do espaço. Por essa razão a cidade é complexa, pois abriga nos seus limites uma história de ocupação e reprodução cultural e econômica que mistura o velho e o novo. Desta forma,

A paisagem urbana espelha diferenças colocando-nos no nível do aparente e do imediato. Num tempo determinado, revela vários momentos passados que, na articulação com o novo, reproduzem uma paisagem peculiar, em que a história tem um papel importante. É o caso da Avenida Paulista, do modo como se dá a destruição dos antigos casarões pertencentes aos chamados barões do café cedendo lugar aos altos e arrojados edifícios de bancos e empresas financeiras ou a mudança de sua função original – de residência para comércio ou serviços. Caso por exemplo, da loja da rede *McDonald's* ou do Banco de Boston – instalados em locais semi-preservados (CARLOS, 2006, p. 81).

De acordo com Lefebvre (1991) a cidade é a forma, é a materialização das relações sociais e o espaço urbano inclui o conteúdo da cidade, “[...] são as próprias relações sociais que se materializam no espaço” (CAVALCANTE, 2008, p. 66).

No espaço urbano, denominado por Santos (1988) como meio técnico científico informacional, pode se observar uma clara tendência à padronização dos hábitos e do consumo que tende a ocorrer, de forma cada vez mais rápida.

As relações estabelecidas neste período não se restringem apenas aos limites territoriais da cidade, do estado e nem mesmo do país, elas tendem a ocorrer, cada vez mais, em escala mundial e isso só é possível graças à revolução dos meios de comunicação que nos grandes centros urbanos encontram estrutura física que suportam todo o aparato tecnológico capaz de aproximar a informação e promover a dita globalização. Neste sentido “[...] hoje, vivemos um mundo da rapidez e da fluidez. Trata-se de uma fluidez virtual, possível pela presença dos novos sistemas técnicos, sobretudo os sistemas da informação” (SANTOS, 2009, p. 83).

No entanto, nem todos os espaços estão dotados de tais suportes técnicos modernos, ao passo que, o processo de urbanização e industrialização no Brasil ocorreu de forma assimétrica privilegiando apenas alguns espaços do território nacional não alcançando, assim, um desenvolvimento urbano homogêneo no que se refere ao tempo e ao espaço.

Desta forma, compreender e explicar o crescimento das cidades e a produção do espaço urbano no contexto da globalização torna-se um grande desafio para a Geografia escolar, em especial naquelas regiões onde as cidades não conheceram todas as fases de desenvolvimento do capitalismo.

Tendo em vista estas considerações, foi elaborado um roteiro de trabalho de campo destacando a cidade de São Paulo, contemplando lugares importantes de visitação, do ponto de vista histórico, cultural e financeiro.

O roteiro foi vivenciado junto com os estudantes do 3.º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Josepha Cubas da Silva de Ourinhos/SP, escola parceira do subprojeto “Geografia” do Programa Institucional

de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), do curso de Geografia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP-Campus de Ourinhos). A atividade contou também com a colaboração de bolsistas do Núcleo de Ensino da UNESP, vinculados ao projeto “Grupo de Estudo em Geografia”.

A Escola Estadual Josepha Cubas da Silva se localiza na periferia da cidade de Ourinhos, na Rua Jornalista Francisco de Almeida, n. 25, Parque Minas Gerais. A referida escola atende nível Fundamental II, período matutino, vespertino e noturno; e Ensino Médio nos períodos matutino e noturno. A escola recebe cerca de 700 estudantes provenientes de diferentes bairros de sua proximidade. Onde a escola se localiza observam-se “[...] problemas ambientais e sociais, destacando a ausência de saneamento básico em alguns locais, envolvendo a falta de coleta de lixo, poluição dos recursos hídricos, dentre outros problemas”. (ZANCHETTA, 2013, p. 59).

Considerada uma atividade complexa, o trabalho de campo é uma parte do estudo do meio, sendo esta, como nos aponta Azambuja (2011) uma metodologia cooperativa que parte de uma intenção de se eliminar as fragmentações no ensino geográfico, dando espaço para novas abordagens pedagógicas como as propostas de “projeto de trabalho” ou “projetos pedagógicos”.

O trabalho de campo possui grande importância nos estudos da Geografia, pelo fato de contribuir na observação e compreensão dos fenômenos que ocorrem no espaço geográfico, através dos modos de organização e da distribuição dos homens e sua relação com a natureza (CALLAI, 2011). Nesse sentido, infere-se que os espaços são resultados dos processos de produção das relações ao longo da história dos homens, caracterizados pelas marcas deixadas no tempo pretérito.

Contudo, deve-se ressaltar que o espaço geográfico não pode ser considerado apenas do ponto de vista físico e natural, deve ser compreendido na sua totalidade através das relações sociais, envolvendo, portanto, fatores naturais, culturais, econômicos e políticos.

Neste sentido, na fase de planejamento, foi desenvolvido o roteiro e foram ministradas as aulas preparatórias para o trabalho de campo. Na

fase de execução, foi realizado o trabalho de campo para a cidade de São Paulo e, por fim, foi realizada uma atividade de avaliação com os alunos, quando do retorno à escola.

Durante as aulas preparatórias, foram utilizados como material de apoio, vídeos- documentários, jornais, revistas e fotografias antigas da cidade de São Paulo, além de informações obtidas no Portal da prefeitura do município de São Paulo e no *site* do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Para analisar a formação do núcleo urbano da cidade de São Paulo foi utilizado o documentário “Entre rios”, que foca o processo de urbanização e sua relação com os principais rios da cidade, resultando na intensa ocupação das áreas de várzea e a consequente degradação dos corpos hídricos, bem como da paisagem em geral.

Buscou-se fazer também uma articulação com o currículo de Geografia do estado de São Paulo, contemplando conteúdos e temas atinentes ao 4.º bimestre do 3.º ano de Ensino Médio, cujo tema principal refere-se a “Geografia das redes mundiais”, tendo como subtemas: “os fluxos materiais; os fluxos de ideias e informação e as cidades globais”.

Neste sentido, na elaboração do roteiro procurou-se incluir pontos significativos que revelassem aspectos referentes à história e a formação urbana da cidade de São Paulo; os ciclos econômicos de desenvolvimento e dinâmica da capital paulista; os meios de circulação de capital, mercadorias, pessoas e serviços e, por fim, as diversidades dos aspectos sociais e culturais que possuem traços marcantes na forma de ocupação do espaço.

Na elaboração do roteiro, tendo em vista a dificuldade de deslocamento e mobilidade em meio ao trânsito caótico da cidade, utilizou-se como critério para a escolha dos locais a serem visitados, a proximidade entre os pontos. Sendo assim, os pontos escolhidos foram: Estação da Luz, Museu da Língua Portuguesa, Pinacoteca do estado de São Paulo, Avenida Paulista, Praça e Catedral da Sé, Pátio do Colégio, Edifício Martinelli, Teatro Municipal, Mercado Municipal de São Paulo, Museu Afro-brasileiro e Parque do Ibirapuera.

Tendo em vista que o estudo envolve uma dimensão interdisciplinar, contamos com a colaboração de professores de outras áreas do conhecimento para acompanhar e contribuir com as discussões durante as aulas preparatórias e a realização do campo.

O roteiro foi elaborado para dois dias de campo, sendo que as atividades se concentraram entre os dias 7 e 8 de novembro de 2014. Em cada ponto visitado, foi realizada uma aula livre ministrada pelos bolsistas PIBID e do Núcleo de Ensino, contando, também com a participação dos professores da escola.

Durante a realização destas aulas, buscou-se problematizar os conteúdos, conceitos e categoriais da Geografia já trabalhadas anteriormente em sala de aula, tais como: espaço geográfico, paisagem, espaço urbano, cidade e fluxos de informação, mercadorias, pessoas, capitais e serviços.

Por fim, na chegada à escola realizou-se uma avaliação do trabalho de campo, na qual foram levantados os aspectos positivos e negativos da atividade. Foi também solicitada aos alunos a elaboração de um texto que contemplasse uma comparação entre as estruturas urbanas da cidade de Ourinhos/SP e da cidade de São Paulo. Para tanto, eles foram orientados a utilizar alguns dos conceitos e categorias da Geografia estudados no campo.

## **DESENVOLVIMENTO**

Lopes e Pontuskha (2009) consideram o estudo do meio uma atividade de ensino interdisciplinar que possibilita, tanto para estudantes quanto para os professores, o contato direto com uma dada realidade, uma dada localidade, seja no meio urbano ou rural, envolvendo necessariamente três etapas: planejamento, execução e avaliação e tem como objetivo verificar ou adquirir novos conhecimentos.

Os autores apontam ainda que muito embora os currículos oficiais e o material didático sejam balizadores da prática pedagógica, o papel do professor não pode ser reduzido somente à reprodução do currículo, cabendo, portanto, ao docente fazer adaptações e, nesse sentido, o estudo

do meio surge como uma importante proposta de direcionar o processo de ensino-aprendizagem, capaz de contribuir na melhoria da formação do professor bem como dos estudantes.

O estudo do meio foi utilizado no Brasil como recurso educacional pelas escolas anarquistas, ditas escolas modernas, do início do século XX. Dentre as principais características das escolas modernas destacavam-se o “[...] ensino racional, atraente, fundamentado na observação e formação do espírito crítico” (PONTUSCKHA, 2004, p. 251). Nesse sentido, os anarquistas ao realizar o estudo do meio, tinham como objetivo transformar a sociedade por meio da observação crítica da realidade social dos estudantes.

O estudo do meio foi resgatado pelo movimento da Escola Nova com o intuito de integrar o aluno ao seu meio, permitindo a este pensar e refletir sobre a realidade da sua cidade, estado e país, por meio de ideais libertários, sendo proibidos durante o regime militar por algumas escolas, ganhou destaque em meados da década de 1980.

Entre as décadas de 1980 e 1990 o estudo do meio foi utilizado em massa pelas escolas privadas e públicas do estado de São Paulo, contudo cabe ressaltar que muitas vezes o estudo do meio foi entendido desde uma saída de alunos e professores da sala de aula para fins de entretenimento até a efetivação de trabalhos interdisciplinares que necessitam de pesquisas bibliográficas prévias (PONTUSCKHA, 2004).

Na aproximação com os contextos históricos de realização de trabalhos de campo na Geografia, levamos em consideração que “[...] o espaço tem um papel privilegiado, uma vez que ele cristaliza os momentos anteriores e é o lugar de encontro entre esse passado e o futuro, mediante as relações sociais que nele se realiza” (SANTOS, 1994, p.122). Dentro desta perspectiva, dado o caráter empírico e descritivo que a Geografia possui, o trabalho de campo se torna peça fundamental dentro da análise do espaço geográfico.

Alentejano e Rocha Leão (2006) destacam que desde sua sistematização enquanto ciência, a Geografia sempre mereceu papel de destaque pelo conjunto de pesquisas e relatórios de campos realizados por viajantes naturalistas. Neste sentido, cabe destacar o papel desempenhado por

Alexander Von Humboldt, que no século XIX fez estudos comparativos, e foi o grande pioneiro do trabalho de campo na ciência geográfica, possibilitando assim a constituição de um grande repertório de informações que deram as bases para o seu desenvolvimento.

Desta forma, o trabalho de campo não deve estar desconexo de um aparato teórico que guie propostas de resolução da problemática estudada. Sendo assim, esta prática envolve uma investigação, uma atitude lúdica e criativa de analisar a realidade que desperta no aluno a curiosidade acerca do espaço que o cerca.

Neste contexto, pode-se considerar que o trabalho de campo, permite realizar uma análise e reflexão acerca dos fatos ocorridos dentro do espaço geográfico, de modo a compreender como o homem se organiza na sociedade, como ele se apropria dos recursos naturais, quais são os impactos, bem como o grau e as consequências desta ocupação.

Possibilita ainda ao educando articular a observação *in loco* ao ensinado na sala de aula, rompendo assim com a lógica conteudista dos livros didáticos e do material didático, o que pode permitir ao estudante fazer uma leitura crítica do mundo que o cerca, transformando-o em sujeito ativo dentro da sociedade.

Em nosso caso, o resultado mais significativo desta atividade foi a articulação entre a escola (os seus alunos, professores, pais e equipe gestora) e a universidade (coordenadora do subprojeto PIBID Geografia, bolsistas do PIBID e do Núcleo de Ensino).

Na fase de elaboração do roteiro e aplicação das aulas preparatórias, a participação dos membros da equipe escolar foi fundamental para garantir o trabalho interdisciplinar. O estudo interdisciplinar contribuiu para a conexão de conhecimentos e a valorização dos diversos pontos de vista sobre um determinado fenômeno envolvendo o estudo do espaço geográfico.

Participaram do trabalho de campo 28 alunos da Escola Estadual Josepha Cubas da Silva, quatro professores vinculados às disciplinas de História, Filosofia, Geografia e Língua Portuguesa, dois coordenadores, o vice-diretor da escola, 10 bolsistas do PIBID, dois bolsistas do Núcleo de

Ensino e a docente da UNESP, coordenadora do subprojeto Geografia da UNESP Câmpus de Ourinhos.

Todos os pontos selecionados na elaboração do roteiro foram visitados. Constatamos que o número de lugares visitados foi excessivo, fato que se justifica pelo fato de que muitos alunos da escola não conheciam a cidade de São Paulo e teriam a oportunidade de conhecer lugares determinantes para a constituição da história da cidade. Desta forma, foi possível uma reflexão sobre quantidade de lugares visitados.

Na avaliação com os estudantes e durante a realização do campo foi possível identificar o quanto os alunos se interessaram pela atividade. Aqueles que nunca haviam visitado a cidade de São Paulo ficaram impressionados com a diversidade da paisagem urbana e com o grande fluxo de informação, pessoas, carros etc.

Quando perguntados sobre qual o local que eles mais gostaram a resposta foi quase que unanime “Avenida Paulista”. Durante a visita na referida avenida os alunos ficaram encantados com a quantidade de galerias, lojas, prédios enormes e principalmente a diversidade de pessoas que passavam por ali, desde os mais apressados que saíam do serviço rumo ao metrô, até as pessoas que se encontravam ali com os amigos para aproveitar aquele espaço, em especial, nas proximidades com a Rua Augusta.

Posteriormente, avaliando os textos escritos pelos alunos, percebemos que eles destacaram diferenças e semelhanças entre a estrutura urbana da cidade de Ourinhos e da cidade de São Paulo. Dentre as diferenças apontadas por eles, 53% dos alunos destacaram o tamanho da cidade; 31% a quantidade de prédios, carros e pessoas, e 16% apontaram o número de galerias, *shoppings* e espaços de lazer. Permeou, ainda, sobre as respostas dos alunos a questão social. Muitos dos estudantes ficaram impressionados com a quantidade de pessoas que vivem nas ruas da metrópole e com a paisagem dos cortiços do centro da cidade.

Dentre as semelhanças apontadas pelos alunos, destacaram-se os problemas ambientais como a canalização e poluição dos rios. Este apontamento apareceu em 49% dos textos. Ainda de acordo com os apontamentos dos alunos, o transporte público de ambas as cidades tem

problemas, respeitando as devidas escalas. Apenas 8% dos alunos não conseguiram encontrar algum tipo de semelhança entre as duas cidades.

Na proposta de avaliação do campo contamos com a colaboração da professora de Língua Portuguesa. Já na segunda parte da avaliação, envolvendo reflexão sobre os avanços na aprendizagem dos conceitos geográficos, contamos com a colaboração da professora de Geografia, supervisora do PIBID na escola.

Dentre os conceitos e categorias trabalhados em sala de aula, notou-se que os alunos tiveram mais facilidade em utilizar no texto a categoria paisagem, já que 69% dos alunos utilizaram-na de forma satisfatória na argumentação. O conceito de espaço geográfico foi utilizado em 20% dos textos, e, 11% dos alunos não utilizaram nenhuma das categorias ou utilizaram de forma não satisfatória.

No que se refere ao conceito geográfico mais utilizado destacou-se o de fluxo, que apareceu em 80% dos textos, seja o fluxo relativo ao de pessoas, de mercadorias, de serviços ou de informações. O conceito de cidade também foi bastante debatido entre os alunos, apareceu em 16% dos textos.

## CONCLUSÃO

O trabalho de campo considerado como uma etapa do estudo do meio é uma proposta metodológica interessante para se abordar conteúdos e temas de Geografia com os alunos das mais variadas turmas. No entanto, deve-se ressaltar que para que se tenha êxito, devemos contemplar as três etapas envolvendo planejamento, execução e avaliação.

A realização do trabalho de campo aqui descrito, permitiu aos discentes visualizar *in loco* os fenômenos abordados em sala, especialmente relacionados às noções de paisagem, espaço urbano, cidade e fluxos de informações, mercadorias, pessoas, capital e serviços, que nem sempre aparecem ilustrados nos livros ou no material didático oferecido pela escola. Assim, a observação *in loco* torna a aprendizagem dos conceitos geográficos mais atrativa aos alunos, contribuindo para a sua aprendizagem significativa.

Por fim, avaliamos como positiva, a realização do trabalho de campo na Geografia, proposta que, como nos ensinou Pontuskha, foi se transformando em tempos diferentes, em escolas diferentes, com professores diferentes, mas que ainda é, infelizmente, pouco concretizado nas escolas.

Avaliamos também, que o nosso roteiro foi bastante extenso, no entanto, possibilitou ao estudante, que nunca esteve em São Paulo, contato com importantes pontos que caracterizam a razão de ser da cidade, portanto, fundamentais na abordagem.

Por fim, a participação dos alunos da escola, professores, coordenadores e bolsistas possibilitou a troca de experiências, contribuindo assim para o enriquecimento na formação de professores e alunos.

O trabalho de campo mostrou-se uma prática pedagógica que envolve investigação, um modo lúdico e criativo de analisar a realidade que desperta no aluno a curiosidade acerca do espaço em que vive na cidade, sobretudo consciente da sua condição humana. Foi um dos trabalhos mais significativos do PIBID Geografia.

## REFERÊNCIAS

- ALENTEJANO, P. R. R.; ROCHA LEÃO, O. M. Trabalho de campo: uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado? *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, v. 84, p. 51-67, 2006.
- ALVES, G. A. Cidade, cotidiano e TV. In: CARLOS, A. F. A. (Org.). *A geografia na sala de aula*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 134 -143.
- AZAMBUJA, L. D. Metodologias Cooperativas para ensinar e aprender Geografia. In: CALLAI, H. C. (Org.). *Educação geográfica: reflexão e prática*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011. p. 185-210.
- CALLAI, H. C. Em busca de fazer a educação geográfica. In: \_\_\_\_\_ *Educação geográfica: reflexão e prática*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011. p. 15-33.
- CARLOS, A. F. A. Apresentando a metrópole na sala de aula. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *A geografia na sala de aula*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 79-91.
- CAVALCANTE, L. S. *A geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana*. Campinas: Papirus, 2008.
- LEFEBVRE, H. *O direito à cidade*. São Paulo: Moraes, 1991.

LOPES, C. S.; PONTUSCKHA, N. N. Estudo do meio: teoria e Prática. *Geografia*, Londrina, v. 18, p. 173-181, 2009.

PONTUSCKHA, N. N. O conceito de estudo do meio transforma-se... em tempos diferentes, em escolas diferentes, com professores diferentes. In: VESENTINI, J. W. (Org.) *O Ensino de Geografia no século XXI*. 2. ed. Campinas: Papirus, 2004. V.1, p. 249-288.

SANTOS, M. A metrópole: modernização, involução e segmentação. In.: \_\_\_\_\_. *Trends and Challenges of Urban Restructuring*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1988. p. 26-30.

\_\_\_\_\_. *Técnica espaço tempo: globalização e meio técnico científico informacional*. São Paulo: Hucitec, 1994.

\_\_\_\_\_. *Por uma outra Globalização: do pensamento único á consciência univelsal*. 18. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

ZANCHETTA, J. *Planejamento de ensino: uma aula de Geografia a partir da perspectiva histórico-crítica*. Trabalho de Conclusão de Curso (Geografia). Universidade Estadual Paulista, UNESP, Ourinhos, 2013.